

EVOLUÇÃO DAS OPERAÇÕES “LITTORAL WARFARE”

Aspirante Guilherme Ferreira Murnel Liali



O fim da Guerra Fria foi, provavelmente, um marco na evolução das doutrinas militares tão grande quanto seu próprio advento. O fim da bipolaridade com a ruína da URSS reacendeu conflitos latentes, adormecidos pelo domínio soviético, bem como a ascensão da potência hegemônica, com suas políticas econômicas por vezes agressivas e seu intervencionismo, exacerbado com os desdobramentos subseqüentes ao 11/9, caracterizando a exaustivamente comentada “Guerra contra o Terror”. Estes acontecimentos mudaram profundamente as bases das forças armadas dos EUA e ao redor do mundo. O conflito para o qual elas se prepararam, durante os anos da “Cortina de Ferro”, desapareceu junto com a União Soviética, e uma série de novas ameaças descortinava-se num horizonte próximo. No tocante específico às operações navais e anfíbias, a principal mudança foi a percepção de que tais ações se dariam em ambientes próximos à costa, e alguns fatos já previamente inovações. Exemplificarei alguns deles, mas sem me ater a uma grande gama de detalhes: durante a Guerra do Vietnam, dois contra-torpedeiros norte-americanos que patrulhavam o golfo de Tonkin, região que abriga o grande porto de Haiphon, foram atacados por lanchas lança-mísseis norte-vietnamitas. Os grandes navios-escolta não possuíam recursos específicos para combater tais alvos, relativamente rápidos e difíceis de engajar por sua pequena assinatura radar e

acústica. Os CTs foram projetados, como a totalidade dos escoltas norte-americanos da década de 60, com capacidades otimizadas para a guerra ASW. Hoje em dia, pequenas unidades armadas com mísseis tornam-se cada vez mais comuns em marinhas diversas por serem uma alternativa não-dispendiosa e eficaz para combater alvos de superfície em ambiente litorâneo ou confinado, onde a pouca profundidade e os contornos do relevo contribuem para sua ocultação, ao mesmo tempo em que limitam a eficiência de grandes navios no tocante às manobras e emprego de sensores.



ANFÍBIAS NO SÉCULO XXI: E “FORWARD...FROM THE SEA”



Passando para a década seguinte, nos anos oitenta, logo após a revolução do Aiatolá Khomeini no Irã, pessoal não-combatente é feito refém na embaixada americana em Teerã. Após meses de relações diplomáticas rompidas e de embargo comercial, uma resolução militar foi autorizada pelo então presidente Jimmy Carter, a operação EAGLE CLAW: uma equipe de resgate heli-transportada formada por comandos Delta, com a missão de tomar a embaixada norte-americana, levar os reféns para um aeródromo próximo e extraí-los por aeronave. Problemas no componente tático da missão aérea (8

helicópteros RH-53D Sea Stallion), com falhas mecânicas que tiraram 3 ANVs de combate, e um acidente que culminou com a perda de mais um RH-53 e de um C-130 levaram ao cancelamento do resgate e os reféns só foram libertados meses mais tarde.

Helicóptero RH-53D, do mesmo modelo utilizado na operação EAGLE CLAW. A aeronave da foto está equipada com supressores de calor nas saídas das turbinas e tanques suplementares de combustível.

Outro fato extremamente elucidativo: no final de 1990, os EUA invadem o Iraque para libertar o vizinho Kuwait. Prontamente, foram enviadas três brigadas



Couçaço da classe IOWA, utilizado durante a guerra do golfo para apoio de fogo naval, disparando sua bateria principal de 406mm.



Canhão MK-45 de 127mm, armamento de médio calibre padrão dos escoltas estadunidenses. Em suas últimas modernizações, incorpora granadas guiadas por GPS, assistidas por foguetes e com capacidade de atingir alvos móveis.

expedicionárias de fuzileiros navais para o Golfo Pérsico. Para dar apoio de fogo às operações anfíbias, foi recomissionado um vetusto couraçado, datado da II GM, da classe Iowa (BB-61), possuindo, apesar da idade, uma inigualável capacidade de apoio de fogo naval (bateria principal de 406mm).

Após o fim da guerra, foi novamente colocado na reserva, deixando o apoio de fogo naval a cargo dos canhões MK-45 de 127mm, equipamento-padrão dos escoltas da US Navy, e seus mísseis BGM-109 Tomahawk. Dando um salto para o início do século XXI, a “guerra contra o terror”, proclamada após o 11/9, viu as Forças Armadas estadunidenses numa série de operações não-convencionais, com o

envolvimento de unidades especiais, notadamente as 101ª Div Aeromóvel, 10ª Div Montanha 82ª Div Aerotransportada, além de membros da Força Delta, S.E.A.Ls, Rangers e do onipresente 160ª Special Operations Air Regiment; ao redor do globo simultaneamente e com intervenções muito rápidas, sempre apoiadas por navios-aeródromos e de desembarque de sua Marinha. Tais unidades especiais são caracterizadas pela mobilidade, nível e abrangência de preparação e prontidão, profundidade em que operam no território inimigo, capacidade de coleta, recepção e transmissão de informações, além da capacidade de cumprir missões incompatíveis com forças convencionais ou que necessitariam de efetivos muito maiores.

Todos estes fatos mostram como o aparato militar norte-americano, notadamente sua Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais não estavam em sintonia com os novos desafios deste século. No cerne das necessidades observadas, estava o novo foco das operações navais. Durante a Guerra Fria, a US Navy, dentro de sua doutrina de emprego em “águas azuis”, que representa o cenário em mar aberto, onde grupos-tarefa operam em proveito do estrangulamento de rotas comerciais e de abastecimento e de limitar as operações navais do adversário, preparava-se para um enfrentamento com as frotas soviéticas. Neste contexto, os grandes navios-escolta e submarinos nucleares têm maior desenvoltura e eficiência. Contudo, nos casos enunciados, as ações deram-se em ambientes litorâneos, as “águas marrons”, definidas como o cenário de águas restritas ou confinadas, próximas da linha costeira, onde os meios convencionais têm suas capacidades limitadas pelo relevo e pouca profundidade reinante, o que favorece o emprego de pequenos navios e submarinos de propulsão convencional. Os defensores podem lançar mão de inúmeros recursos que não estão disponíveis para o inimigo por estarem baseados em terra: artilharia de costa, apoio de aviação baseada em terra, cobertura radar e antiaérea, linhas logísticas simplificadas e tropas especiais com maior facilidade de desdobramento. Tal cenário envolve mobilização rápida de tropas, apoio aéreo aproximado e de fogo naval e extensa atividade de vigilância, coleta e interpretação de informações e comando e controle de uma miríade de meios em operações combinadas.

Para suplantar as novas exigências, foi promovida uma verdadeira revolução nos equipamentos e, principalmente, nas doutrinas dos componentes

anfíbios da Marinha e do US Marine Corps. Essas mudanças podem ser, grosso modo, sintetizadas em dois conceitos: Forward...from the Sea e, caso das operações navais, o de Littoral Warfare. O primeiro resume as ações anfíbias futuras, seus objetivos e necessidades. Em poucas palavras, prevê o emprego de uma força expedicionária em todo seu apoio logístico, de comando e controle, saúde, aéreo e de fogo advindo de um esquadrão de navios anfíbios e de um grupo de batalha centrado em navio-aeródromo. Além disso, é capaz de levar tropas e equipamentos até uma praia hostil e além, com uma rapidez e flexibilidade sem precedentes, mantendo o corpo principal a uma distância segura da costa (estipulada em 25 milhas náuticas). Tal capacidade repousa sobre a chamada “tríade da mobilidade”: a aeronave tilt-rotor (rotores móveis) V-22 Osprey que congrega a velocidade, autonomia de voo e capacidade de carga de um avião com a versatilidade, capacidade de operar em convãos reduzidos e decolagem vertical do helicóptero; pelo carro-lagarta anfíbio avançado, AAV (advanced armoured amphibious vehicle), que revoluciona o movimento de terra para o mar por ser capaz de ser lançado de um navio a 25m da costa inimiga e de desenvolver velocidades entre 70km/h e 40km/h dependendo do estado de mar, armado com canhão de 35mm, metralhadora 7.62mm e com blindagem mais leve e resistente que seu “irmão” do US ARMY, o M3A3 BRADLEY; e pela LCAC (landing craft air cushioned), embarcação de desembarque sobre colchão de ar, uma espécie de hovercraft pesado, usado para levar material e pessoal até a cabeça de praia com muito mais rapidez que as embarcações de desembarque convencionais, contribuindo para maior agilidade das operações

anfíbias e para a sobrevivência dos navios do esquadrão anfíbio, já que necessitam de menos tempo próximo à costa para desembarcar sua carga.

A capacidade de apoio logístico para períodos superiores a 30 dias é garantida por esquadrões pré-posicionados em algumas bases estrangeiras dos Estados Unidos, contendo grandes quantidades de suprimentos, veículos e armamentos prontos para serem levados a qualquer lugar do mundo, sem depender de portos amigos próximos a área de atuação. A unidade básica de toda a estrutura descrita e uma unidade expedicionária (nível batalhão) com capacidade de operações especiais integrada a um componente aéreo (asa fixa e rotativa), blindados (carros de combate, viaturas) e apoio de fogo (obuseiros, morteiros, mísseis anti-tanque e anti-aéreos), capaz de ser apoiada e desdobrada pelos



A aeronave V-22 OSPREY, outro componente da “tríade da mobilidade”. Notar a configuração híbrida do arranjo asa-motores que revela suas atribuições tanto de ANV de asa fixa como de rotativa



O AAV possui velocidade na água que varia de 40km/h a 70km/h, dando nova dimensão ao movimento do navio para terra e à mobilidade e proteção blindada para as tropas.



A embarcação de desembarque sobre colchão de ar, LCAC. Sua capacidade de carga gira em torno de 68 toneladas



O LCS proposto pela General Dynamics. Cada uma das duas concorrentes construirá dois navios para avaliação. Notar o casco com a moderna configuração de “trimaran”.

navios do esquadrão anfíbio. Estas novas estruturas, que se tornam referência para várias Marinhas, nasceram das necessidades de pronto emprego, flexibilidade, e capacidade de intervir em ocasiões que exijam ações não-convencionais, mantendo a capacidade de emprego clássico dos Fuzileiros Navais: a tomada de praia hostil, iniciando uma campanha naquele território e aguardando sua rendição por outras tropas que avançarão para o interior do teatro de operações. Tais necessidades foram percebidas em inúmeras intervenções, missões de paz e resgate de reféns no pós-guerra fria.

As alterações nas doutrinas de emprego de meios navais foram igualmente profundas. O conceito de Littoral Warfare trouxe o foco das operações navais para as águas marrons (brown waters), costeiras ou confinadas, em detrimento às já consolidadas atribuições de uma Marinha de águas azuis operando nos oceanos, ao longo de rotas comerciais e no embate de outras forças navais. Tais alterações foram alavancadas pelas particularidades do cenário litorâneo, caracterizado pela restrição às manobras (principalmente para submarinos), com múltiplas ameaças, já que uma das

forças envolvidas pode lançar mão de recursos bélicos baseados em terra (artilharia de costa, aviação, embarcações de pequeno alcance e cobertura radar e anti-aérea) e pelas grandes possibilidades de executar ações não-convencionais ou operações especiais, as quais o próprio teatro de operações e as forças envolvidas proporcionam, principalmente em um combate assimétrico (uma delas possui superioridade em meios e quantitativos). Para fazer frente a estas novas ameaças, a US Navy selecionou dois caminhos distintos: modernizar sua força naval atual, adequando-a as novas missões; e adequar seus requerimentos de meios futuros para tais missões. A primeira

alternativa materializa-se na proliferação de lançadores verticais para mísseis Tomahawk, as constantes modernizações nos canhões MK-45, dotação da maioria de seus navios, a modificação de quatro submarinos nucleares como plataformas para operações especiais, com acomodações para pessoal dos SEALs (mergulhadores de combate), equipamentos de infiltração e exfiltração e toda a capacidade de comando e controle. A outra vertente corre no sentido da adequação de seus futuros navios àquelas novas realidades. Símbolo máximo disto é o programa LCS (Littoral Combat Ship, navio de combate litorâneo). Uma concorrência visa selecionar



Representação artística do futuro contra-torpedeiro da classe ZUMWALT. A imagem mostra os navios executando sua missão primária: ataque a alvos terrestres com mísseis de cruzeiro e apoio de fogo naval.



O outro concorrente do programa LCS da US NAVY é o proposto pela Lockheed Martin possui casco mais convencional mas a mesma configuração modular de seu concorrente.

uma embarcação que proporcione a máxima desenvoltura naquele ambiente em particular. Dificuldade de ser detectado pelo espectro eletromagnético ou acústico, capacidade de acomodar tropas especiais bem como dois helicópteros multi-emprego são algumas das principais exigências. Este programa alterou substancialmente o cronograma de construção naval norte-americano, substituindo várias unidades de superfície originalmente planejadas para dotarem sua Marinha num futuro próximo, onde o navio selecionado no programa LCS, bem como o novo contra-torpedeiro da classe Zumwalt (DD-1000) serão os principais meios de superfície, ao lado dos mais antigos CTs da classe Arleigh Burke.

Outras alterações passam por programas visando a construção de lanchas e pequenas embarcações para transporte de tropas e combate em rios e estuários. O armamento naval e sensores também evoluíram, tanto na otimização das armas já existentes como no desenvolvimento de novos sistemas de armas, como o de defesa anti-aérea de reação rápida RAM (rolling airframe missile), que consiste, basicamente, do corpo do míssil AIM-9 Sidewinder com o seeker (sensor de guiagem) por calor do míssil STINGER.

As transformações nas operações navais e anfíbias, apesar de serem relativamente recentes em sua implementação, já davam sinais durante o conflito do Vietnã e ações subseqüentes como missões de paz, intervenções das Nações Unidas, bem como na Guerra das Malvinas e do Golfo Pérsico. As maiores Marinhas do mundo voltam-se cada vez mais para as

novas doutrinas que surgiram na esteira destas experiências e a vanguarda no campo das operações navais estará com aquelas que assimilarem tais mudanças e as aplicarem de acordo com sua realidade. O combate naval aproxima-se do litoral e as forças navais ao redor do mundo preparam-se para dominar essa nova arena.

Bibliografia:
Tom Clancy's Marines
www.navaltechnology.com
Jane's Annuary
www.sistemasdearmas.cjb.net



Atualmente, o principal navio-escolta da US NAVY é o CT da classe ARLEIGHT BURKE, aqui executando transferência de óleo no mar.